

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

TERRITÓRIOS DE (RE)EXISTÊNCIA NEGRA: A BRASILÂNDIA COMO EXPRESSÃO DA TERRITORIALIDADE AFETIVA E INSURGENTE EM SÃO PAULO

MIRANDA, ELLYSON SANTOS¹
RODRIGUES, GISELLY BARROS²

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo; Ex-Bolsista PIBIC-AF, IFSP, Campus São Paulo; Voluntário no projeto de extensão TENEGRES; Embaixador do programa Aproxima no IFSP; Associado da Educafro e Membro do GEPRETAS; ellyson.m@aluno.ifsp.edu.br.

² Professora Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora EBTT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (SPO); Líder do grupo de pesquisa GEPRETAS; São Paulo / SP; giselly.barros@ifsp.edu.br.

RESUMO: Esta pesquisa, realizada entre 2023 e 2024, analisa o desenvolvimento urbano da Brasilândia, em São Paulo, sob uma perspectiva decolonial e afrocentrada. O estudo busca resgatar as contribuições da população negra na formação do território, opondo-se à estigmatização histórica e evidenciando a colonialidade que estrutura o espaço urbano. A metodologia qualitativa incluiu revisão bibliográfica, análise de dados e, principalmente, a escuta da comunidade, valorizando a oralidade e as epistemologias locais e insurgentes. Foram mapeados 25 territórios negros, como a Associação de Moradores do Alto da Vila Brasilândia (AMAVB), o Instituto Vó Tutu, a Batalha de Rima da Praça Benedicta Cavalheiro e o Terreiro de Candomblé Santa Bárbara. Esses espaços demonstram como as comunidades negras e periféricas, apesar da segregação, são celeiros de resiliência e solidariedade, utilizando a cultura, a religião e a organização comunitária para construir narrativas contra-hegemônicas. A pesquisa conclui que o planejamento urbano tradicional falha ao não reconhecer as contribuições negras, reforçando a necessidade de uma abordagem que intersecciona raça, classe e território, dando voz às narrativas que moldam as periferias.

Sessão temática: 1. Memória, identidade e (re)existência: Territorialidades afetivas e insurgentes

PALAVRAS-CHAVE: Brasilândia; planejamento urbano; territórios negros; epistemologias decoloniais; memórias negras.

TERRITORIES OF BLACK (RE)EXISTENCE: BRASILÂNDIA AS AN EXPRESSION OF AFFECTIVE AND INSURGENT TERRITORIALITY IN SÃO PAULO

ABSTRACT: This research, carried out between 2023 and 2024, analyzes the urban development of Brasilândia, in São Paulo, from a decolonial and Afro-centric perspective. The study seeks to rescue the contributions of the black population in the formation of the territory, opposing the historical stigmatization and evidencing the coloniality that structures the urban space. The qualitative methodology included a literature review, data analysis and, mainly, listening to the community, valuing orality and local and insurgent epistemologies. 25 black territories were mapped, such as the Association of Residents of Alto da Vila Brasilândia (AMAVB), the Vó Tutu Institute, the Batalha de Rima da Praça Benedicta Cavalheiro and the Terreiro de Candomblé Santa Bárbara. These spaces

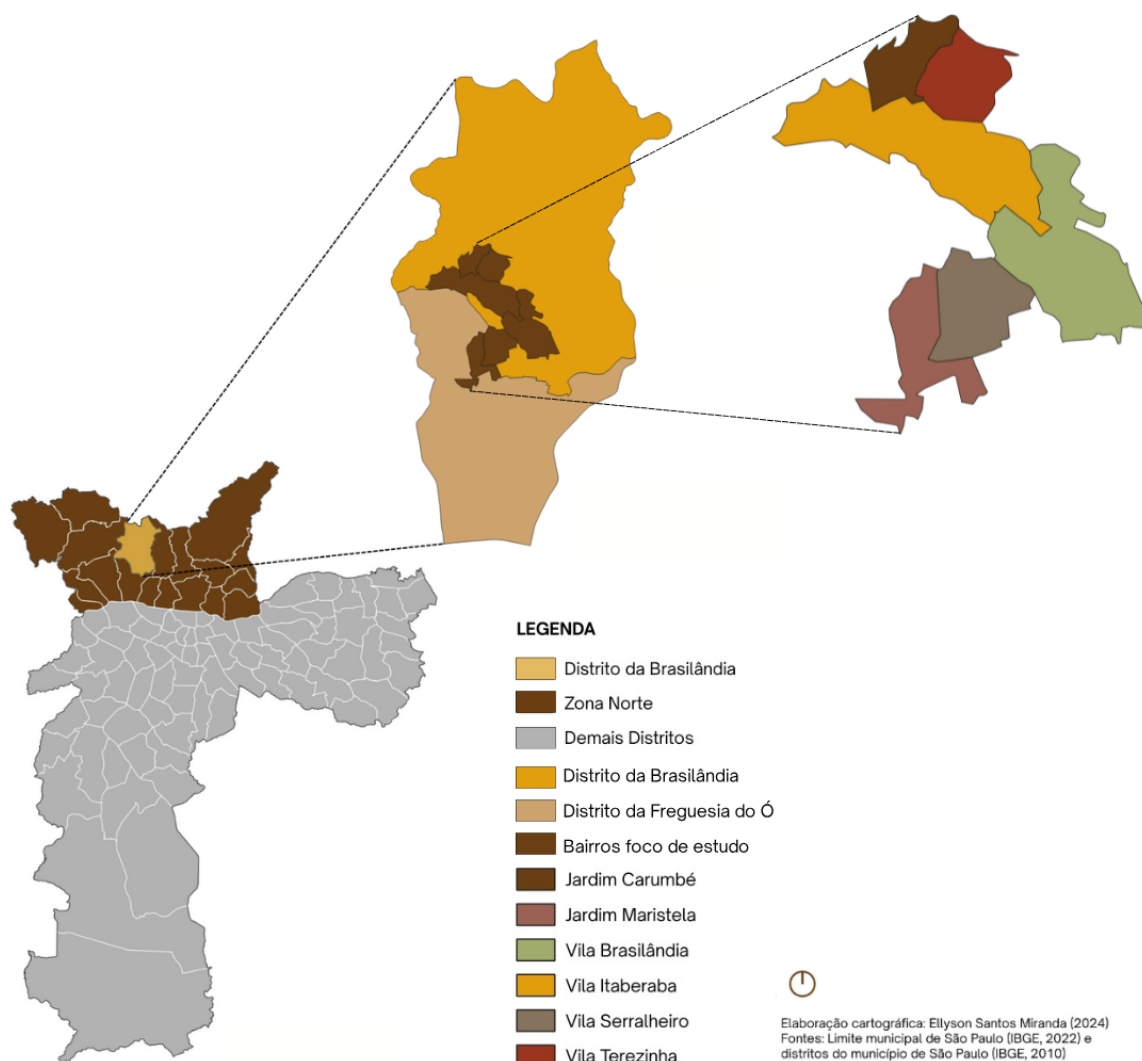
demonstrate how black and peripheral communities, despite segregation, are storehouses of resilience and solidarity, using culture, religion, and community organization to build counter-hegemonic narratives. The research concludes that traditional urban planning fails to recognize Black contributions, reinforcing the need for an approach that intersects race, class, and territory, giving voice to the narratives that shape the peripheries.

KEYWORDS: Brasilândia; town planning; black territories; decolonial epistemologies; black memories.

INTRODUÇÃO

Este estudo possui um recorte territorial focado na Brasilândia (figura 1), uma região periférica de São Paulo onde a maioria da população (mais de 50%) se autodeclara preta ou parda. A análise do desenvolvimento urbano do distrito é feita a partir de uma perspectiva decolonial e afrocentrada. Realizado entre a segunda metade de 2023 e 2024, o trabalho propõe um resgate histórico e cultural da região, principalmente a partir da memória dos moradores, com o intuito de construir uma narrativa contrária à estigmatização que historicamente relegou a população negra e seus territórios à margem.

Figura 1 – Mapa de localização da Brasilândia e dos bairros do recorte estudado



Fonte: Autores, 2025

O objetivo principal é contribuir para a educação das relações étnico-raciais nas Ciências Sociais Aplicadas, com foco em Arquitetura e Urbanismo, por meio do levantamento das contribuições

materiais e imateriais da população negra na construção, desenvolvimento e identidade do distrito da Brasilândia. A pesquisa busca evidenciar a história e a cultura da comunidade afro-brasileira e periférica, destacando suas territorialidades, protagonismos, memórias e identidades. A pesquisa se alinha-se ao Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010), que busca garantir a igualdade de oportunidades e a dignidade para a população negra.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa, incluindo revisão bibliográfica, análise de bases cartográficas e censitárias, visitas de campo, entrevistas e diálogos com a comunidade. A valorização da oralidade foi um foco central e o recorte geográfico (figura 1) abrange seis bairros do distrito da Brasilândia: Jardim Carumbé, Vila Terezinha, Vila Itaberaba, Vila Brasilândia, Vila Serralheiro e Jardim Maristela. A pesquisa, em articulação com o projeto de extensão TENEGRES – Territórios Negros e as Escolas: descobrindo o lado norte de São Paulo - Brasilândia, identificou 25 territórios negros na área de estudo através de escuta ativa da comunidade, buscas no Google Maps e redes sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Localizada na zona norte de São Paulo, a Brasilândia é um distrito cuja formação, desde a década de 1930, reflete os padrões tradicionais de urbanização periférica da cidade. O distrito, que surgiu a partir da transformação de terras agrícolas em áreas residenciais, foi oficialmente fundado em 1947 com o loteamento de Basílio Simões, que deu nome ao local (Histórico, 2019). A ocupação da Brasilândia se consolidou ao longo das décadas seguintes com um crescimento populacional acentuado, superando a taxa de crescimento de São Paulo entre 1991 e 2000 (Angileli, 2007). Segundo o GTA (2003), a área de 14 km² já abrigava cerca de 247.000 habitantes, com 51% dos domicílios em situação de irregularidade. A demografia do censo do IBGE (2010), aponta uma população de quase 265.000 pessoas, com a maioria se autodeclarando negra (50,60%).

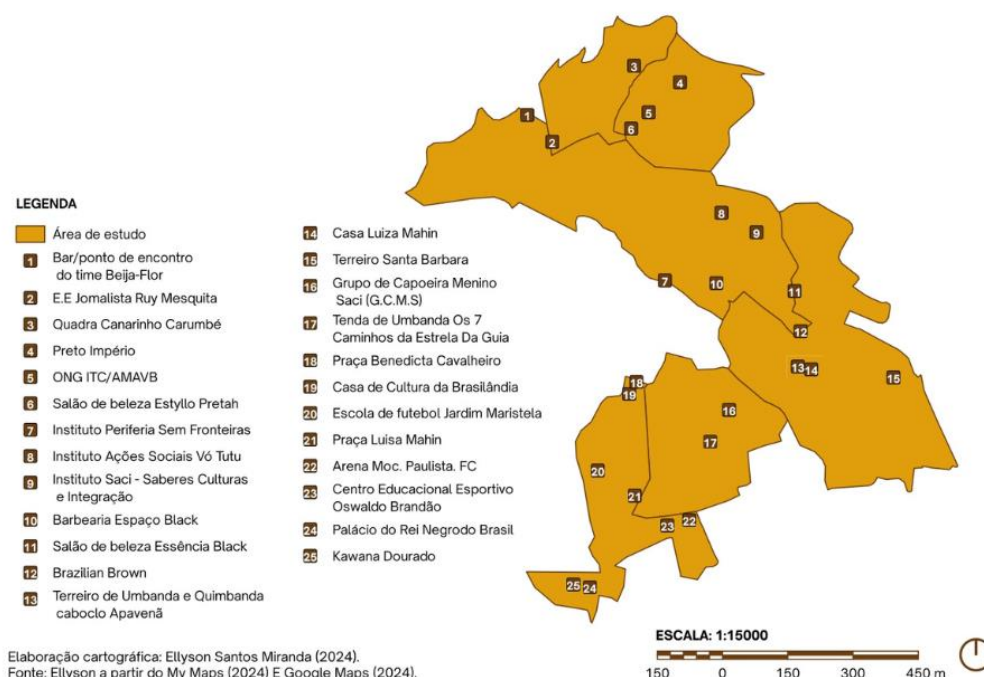
A pesquisa identificou e mapeou 25 territórios negros de diferentes tipos, como ONGs, praças, salões de beleza, grupos de capoeira, centros esportivos e templos religiosos de matriz africana (figura 2). É importante destacar que o território é "o lugar em que desembocam todas as ações [...] onde a história do homem plenamente se realiza a partir de manifestações da sua existência" (Santos e Becker, 2006, p. 13). Esses espaços surgem da atuação de coletivos ou indivíduos negros que trabalham em conjunto com a comunidade. Para Rolnik (1989), nesses espaços periféricos, emergem movimentos culturais como o hip-hop, que é a expressão contemporânea de um processo contínuo de construção da identidade negra, transcendendo tempo e espaço.

A Associação de Moradores do Alto da Vila Brasilândia (AMAVB), como mostrado na Figura 3, fundada em 2008 a partir de um time de futebol de várzea, exemplifica a capacidade de mobilização local. Liderada por Cláudio Rodrigues Melo (Kafé), a associação evoluiu de um time de futebol de várzea para ações de combate à fome durante a pandemia de Covid-19, distribuindo milhares de marmitas e cestas básicas. A trajetória de Kafé, que escolheu permanecer na Brasilândia por seu profundo vínculo com o bairro, reforça a importância das raízes comunitárias na construção de narrativas contra-hegemônicas.

Outro pilar da resistência local é o Instituto Vó Tutu (figura 3), fundado por Maria Paulina Avelino Marques da Silva. A trajetória de sua fundadora, marcada pela migração de sua família do Bixiga para a Brasilândia na década de 1950, oferece um panorama sobre as raízes culturais e a territorialização negra no contexto paulistano. O Instituto surgiu durante a pandemia, quando Vó Tutu, buscando uma solução para a subsistência de sua família, foi inspirada a produzir pães. O projeto rapidamente se tornou uma iniciativa comunitária de grande alcance, impulsionada por doações e pela valorização midiática que, inclusive, contou com a doação de máquinas do apresentador Luciano Huck. O trabalho da instituição destaca a educação e a capacitação profissional como chaves para a transformação da vida dos moradores, já que para a idealizadora, a Brasilândia é um celeiro de talentos e de resiliência. Ambos os cenários se relacionam à análise de Panta (2021), que observa como a segregação e a falta de oportunidades em territórios estigmatizados agravam as desigualdades para a população negra,

mas que, ao mesmo tempo, esses casos ilustram como as comunidades criam redes de apoio e lutam por condições de vida mais dignas.

Figura 2 – Territórios negros nomeados e cartografados na área de estudo



Fonte: Autores, 2025

A Praça Benedicta Cavalheiro, como mostrado na Figura 3, é outro exemplo de território negro que se destaca por sua relevância histórica e cultural. O local, que homenageia uma militante ativa por melhorias no bairro e benfeitora da comunidade, tornou-se palco de um fenômeno cultural significativo: a Batalha de Rima da Brasilândia. Fundada em 2020 por Jonas Ortiz (JN) e amigos, a batalha de rima transformou o espaço da praça, escolhida por sua proximidade com a residência dos organizadores, em um ponto de encontro vibrante para a juventude local. Mesmo com a mudança temporária de endereço para a Freguesia do Ó, devido às obras do metrô, o evento manteve o nome "Brasilândia", refletindo o forte vínculo de seus organizadores e público com a identidade e o senso de pertencimento ao seu território, que é visto por JN como seu "quintal".

A trajetória da Batalha, que cresceu exponencialmente, demonstra o impacto da cultura e da arte na ocupação e ressignificação dos espaços urbanos, reforçando como a cultura periférica é um instrumento crucial para a construção de narrativas contra-hegemônicas e a valorização das histórias locais. Martins (2003) observa que nas tradições afro-brasileiras, o corpo é adornado com movimentos, voz, coreografias, linguagem, figurinos e elementos visuais como cabelo e pele — o corpo como um locus de saber e memória. Assim, foram mapeados espaços voltados aos cabelos cacheados e crespos, como salões de beleza que trançam cabelos ou possuem nomes ligados à cultura negra.

A pesquisa também destacou espaços de religião, como o Terreiro de Candomblé Santa Bárbara (figura 3), um território de profunda importância histórica e social na Brasilândia, que representa a resistência e a preservação das religiões de matrizes africanas. Fundado em 1962 por Mãe Manaundê (Julita Lima da Silva), uma mulher nascida na Bahia, o terreiro se tornou o primeiro do Candomblé registrado em São Paulo e, posteriormente, foi tombado como patrimônio histórico e cultural da cidade. Nascimento (1997) afirma que as comunidades de candomblé fazem parte da estrutura social do Brasil e exercem influência direta sobre a dinâmica sociocultural do país.

Após o falecimento de sua fundadora, Mãe Pulquéria assumiu a liderança, desempenhando um papel crucial na luta contra a degradação e a ameaça de desapropriação do espaço. Sua gestão não

apenas garantiu a preservação do terreiro, que é um guardião da memória do Candomblé e da própria Brasilândia, mas também ampliou seu papel social. Como aponta Silva (2021), a atuação de líderes religiosos e de suas instituições vai além da esfera espiritual, criando redes de solidariedade e de suporte essenciais para a comunidade. Mãe Pulquéria reforça a visão do terreiro como um ponto de apoio, responsável por ações sociais como a arrecadação e distribuição de doações, o que evidencia o papel ativo e solidário da religião na vida dos moradores da região.

Figura 3 – Compilado de imagens de alguns dos territórios negros na área de estudo



Fonte: Autores, 2025

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que, apesar da urbanização racista de São Paulo, que historicamente marginaliza a população negra relegando-a aos extremos da cidade, a Brasilândia se constituiu como um território de resistência e (re)existência. A escassez de referências bibliográficas a partir de uma perspectiva contra-hegemônica reflete o apagamento histórico das contribuições negras no processo de urbanização da cidade. No entanto, a oralidade emergiu como um elemento fundamental para a preservação e transmissão de memórias e narrativas invisibilizadas. Desta forma, a pesquisa valorizou saberes múltiplos e evoca a ancestralidade dos sujeitos locais, ao adotar a escuta como parte central da metodologia.

Este estudo destaca que os modelos de planejamento urbano tradicionais têm falhado em reconhecer as formas de ocupação e apropriação do espaço urbano pelas comunidades negras, assim como sua participação na construção das cidades. A pesquisa assume a abordagem urbana como seu objetivo central, mostrando como os territórios cartografados na Brasilândia se inserem e disputam a

malha urbana, revelando uma identidade comunitária profundamente conectada ao território, apesar das tentativas de invisibilização. Diante disso, este trabalho não apenas aponta para as falhas do planejamento urbano, revelando um planejamento classista e racista, mas também sugere um passo em direção à reparação histórica: reconhecer esses territórios é dar visibilidade à cidade que já foi construída pela população negra e periférica, e que se constitui como um marco de um legado cultural significativo. É, portanto, um chamado para uma abordagem que intersecciona território, raça e classe, e que dá voz às narrativas que moldam a paisagem urbana, cultura e identidade das periferias da cidade.

AGRADECIMENTOS

O projeto de pesquisa realizado entre 2023 e 2024 obteve fomento PIBIC-CNPq pelo Instituto Federal de São Paulo - IFSP.

REFERÊNCIAS

ANGILELI, Cecília Maria de M. M. Paisagens reveladas no cotidiano da periferia: Distrito de Brasilândia, Zona Norte do Município de São Paulo. 2007. 281 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GTA Assessoria Técnica. Diagnóstico - Plano de Ação Habitacional e Urbano para o Distrito de Brasilândia, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511881>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 1 jul. 2024.

NASCIMENTO, Abdias. Pensamento dos povos africanos e afrodescendentes. Revista Thoth: escriba dos deuses, n. 5, 1997.

PANTA, Mariana. População negra e o direito à cidade: interfaces sobre raça e espaço urbano no Brasil. In: CUNHA JÚNIOR, Henrique; SILVA, Maria Nilza da; OLIVEIRA, Joana D'Arc de; PANTA, Mariana (org.). Memória e histórias de bairros negros e populações negras no século XX. [S. l.]: XI COPENE, 2021. p. 89-116. ISBN 978-65-89713-72-2.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. Revista de Estudos Afro-Asiáticos, v. 17, 1989.

SANTOS, Milton; BECKER, Bertha (org.). Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: CP&A, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Terreiros tombados em São Paulo: laudos e reflexões sobre a patrimonialização de bens afro-brasileiros. 1. ed. São Paulo: Leonardo Miyahara, 2021.